



# 10 Anos do Papa Francisco: A chuva esperada que fecunda o chão

*10 Years of Pope Francis:  
The expected rain that fertilizes the ground*

*Joaquim Jocélio de Sousa Costa*

## Resumo

Diante da celebração dos 10 anos do ministério pastoral do Papa Francisco, este trabalho visa recordar alguns dos principais pontos de seu ministério como bispo de Roma. Os mesmos visam apresentar a novidade e fecundidade desses dez anos. Seu pastoreio é apresentado como fruto do Concílio Vaticano II, do qual Francisco é um dos filhos mais fecundos. Também é tratada sua eclesiologia a partir do seu chamado para que a Igreja esteja em constante saída para as periferias, evidenciando assim a centralidade dos pobres e o caminhar juntos de todo o povo de Deus, a tão buscada sinodalidade. Evidencia-se igualmente uma nova visão da moralidade cristã que Francisco traz, marcada mais pela misericórdia do que pelos condicionamentos da lei. Por fim, é tratada a relação de Francisco com outras Igrejas e religiões e como ele desafia a Igreja e o mundo a reconhecer que todos são irmãos e irmãs. Alguns, usando uma metáfora europeia, afirmam que com Francisco se encerrou um longo inverno eclesial e chegou a primavera; mas como no Brasil, especialmente no Nordeste, inverno é coisa boa e ruim é a seca, prefere-se dizer que Francisco é a chuva esperada que fecunda o chão.

**Palavras-Chave:** Francisco. 10 anos. Renovação eclesial. Centralidade dos pobres.

## Abstract

In view of the celebration of the 10th anniversary of Pope Francisco' pastoral ministry, this work aims to recall some of the main points of his ministry as Bishop of



Rome. They aim to present the novelty and fruitfulness of these ten years. His shepherding is presented as a result of the Second Vatican Council, of which Francisco is one of the most fruitful sons. His ecclesiology is also treated from his call for the Church to be in constant departure to the peripheries, thus showing the centrality of the poor and the journey together of all the people of God, the much sought after synodality. A new vision of Christian morality that Francisco brings is also evident, marked more by mercy than by the constraints of the law. Finally, Francis' relationship with other Churches and religions is discussed and how he challenges the Church and the world to recognize that all are brothers and sisters. Some, using a European metaphor, claim that with Francisco a long ecclesial winter ended and spring arrived; but as in Brazil, especially in the Northeast, winter is a good thing and drought is a bad thing, it is preferable to say that Francisco is the expected rain that fertilizes the ground.

**Keywords:** Francis. 10 years. Ecclesial renewal. Centrality of the poor.

## Introdução

Já são 10 anos de Francisco como Bispo de Roma, presidindo todas as Igrejas na caridade, e muitas são suas contribuições nessa década para a Igreja e o mundo. Seu ministério pastoral é reformador. Francisco marca uma certa ruptura com uma caminhada eclesial que vinha se desenvolvendo nas últimas décadas e que, em muitos aspectos, se afastou do espírito do Concílio Vaticano II. “Sabemos que certa tendência centralizadora emergiu nos anos posteriores, diminuindo assim a importância da conquista conciliar e provocando certo mal-estar entre os teólogos e também entre figuras mais significativas do episcopado”.<sup>1</sup>

Alguns teólogos falam em “involução eclesial” ou em “inverno eclesial” para se referir a esse período.<sup>2</sup> Leonardo Boff chega a afirmar que “com o papa Francisco tudo indica que o inverno eclesial de muitos anos chegou ao seu fim, para dar lugar a uma ridente e esperanzada primavera”.<sup>3</sup> Júnior Aquino recorda que a expressão “primavera eclesial” foi “usada nos anos de 1960 para indicar o significado de João XXIII e do Concílio na vida da Igreja; expressão usada atualmente para indicar a novidade de Francisco e seu projeto pastoral em relação ao que se convencionou chamar na Europa ‘inverno eclesial’”, contudo, ele expressa que a “tradução nordestina mais adequada seria ‘seca eclesial’”.<sup>4</sup> Como no Brasil, principalmente no Nordeste, inverno é sinal de vida para o povo e é a seca a expressão de carestia, preferimos falar de Francisco como a chuva esperada que fecunda o chão, já que “só pelo nome que escolheu – Francisco – representa uma nova esperança para toda a Igreja e também para o mundo”.<sup>5</sup> Papa Francisco se inspira em Francisco de Assis:

Se um papa, vindo da periferia do mundo, fora da velha cristandade europeia, para a surpresa de todos, escolhe o nome de Francisco quer dar um recado: de agora em diante deve-se tentar um modo novo de exercer o papado, despojado de títulos e de símbolos de poder e procurar dar ênfase a uma Igreja inspirada na vida e no exemplo de São Francisco de Assis – na pobreza, simplicidade, humildade, confraternização entre todos, incluídos os seres da natureza e a própria “irmã e Mãe Terra”.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> MIRANDA, M. F., Igreja sinodal, p. 7.

<sup>2</sup> MADRIGAL, S. En conversación con Karl Rahner, p. 329-331.; BRIGHENTI, A. Sinodalidade *made in América Latina*. p. 123, 129, 130, 138; BOFF, L., Francisco de Assis e Francisco de Roma, p. 12.

<sup>3</sup> BOFF, L., Francisco de Assis e Francisco de Roma, p. 12.

<sup>4</sup> AQUINO JÚNIOR, F., Sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”, p. 94.

<sup>5</sup> BOFF, L., Francisco de Assis e Francisco de Roma, p. 11.

<sup>6</sup> BOFF, L., Francisco de Assis e Francisco de Roma, p. 10.

São muitos os aspectos do seu ministério pastoral a destacar: gestos, discursos, documentos, viagens, política internacional, reforma da Cúria e da Igreja, temas fundamentais (pobres, cuidado da casa comum, misericórdia, alegria, sinodalidade, ecumenismo, diálogo inter-religioso), etc. Infelizmente, não temos condições de falar de todos, tanto pelo seu número e complexidade, quanto pelo pouco espaço que temos para isso. Desejamos apenas apresentar quatro pontos que julgamos cruciais para nos ajudar a entender porque o pastoreio de Francisco é reformador e, portanto, porque é essa chuva esperada que fecunda nosso chão. Esses pontos são: Francisco como filho do Concílio Vaticano II; a Igreja em saída para as periferias; a misericórdia como chave da vida cristã e a fraternidade entre as Igrejas e religiões. Compreendemos que esses pontos se abrem para outras questões fundamentais para Francisco e, no mais, nos ajudarão a não só fazer um elogio ao papa, mas tomar seu testemunho de seguimento a Jesus Cristo e aprender com ele.

## 1. O filho do Concílio

Francisco é um papa reformador, no melhor sentido do termo, assim como foi reformador o outro Francisco, o santo de Assis. Mas as mudanças que ele realiza e propõe para a Igreja não vêm do nada, mas são uma retomada criativa do Concílio Vaticano II. É verdade que “Francisco é o primeiro Papa que não tomou parte nos trabalhos conciliares. Ele é, porém, plenamente filho do Concílio e da renovação eclesial que dele teve início”,<sup>7</sup> pois mais que os textos conciliares, Francisco assumiu o espírito do Concílio. Por isso, “parece apropriado afirmar que com Francisco a recepção do Concílio entra em uma fase nova”.<sup>8</sup> Papa Francisco respira Vaticano II, ele “não entra na disputa por suas várias interpretações, mas simplesmente procura tornar esse Concílio realidade. Com já foi afirmado: ele não fala sobre o Vaticano II, ele ‘faz o Vaticano II’”.<sup>9</sup> Assim, se é preciso admitir que nas últimas décadas houve certa estagnação na renovação conciliar, é necessário reconhecer que a centralidade dada por este papa ao Concílio lhe permite “colocar novamente em evidência, com novidade de acenos e renovada atualização, aspectos importantes da eclesiologia proposta pelo Concílio e desenvolvida na teologia pós-conciliar”.<sup>10</sup>

É preciso ter atenção aqui a termos como “novidade de acenos” e “renovada atualização”, pois não há simplesmente uma retomada dos grandes temas e questões conciliares, mas isso se dá de forma criativa, ou seja, Francisco traz traços novos, questões novas, passos mais ousados. Ele “não se contenta em avançar na mesma linha de fidelidade criadora em relação ao Concílio... Mas chega a manifestar tudo isso muito

<sup>7</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 16.

<sup>8</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 18.

<sup>9</sup> MIRANDA, M. F., Igreja sinodal, p. 39.

<sup>10</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 39.

concretamente, com gestos e palavras, numa linguagem de estilo evangélico que, sendo teologicamente profunda, é também pastoral, simples e acessível a todos”.<sup>11</sup> Isso se dá, principalmente, porque nosso papa não simplesmente reconhece o Concílio como momento importante e marcante para a Igreja, mas o vê de fato como um divisor de águas da mesma, pois falando do Concílio, afirma que “derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova”.<sup>12</sup> O papa não tem medo de denunciar que, antes do Concílio, a Igreja vivia como uma cidadela, ou seja, um cidade de guerra toda murada, a todo instante com medo de ser atacada, vendo inimigos por todo lado. Para ele, o Vaticano II derrubou essas muralhas que por tempo demais isolou a Igreja. Por ver o Concílio com tanta lucidez é que pode fazê-lo avançar criativamente.

Desse modo, “a retomada criativa do Vaticano II no atual pontificado da Igreja Católica acontece como ‘re-recepção’ (Congar), sintonizada com os esforços por reformas na Igreja e com grande alcance”.<sup>13</sup> Mas aqui é preciso também ter clareza do que Francisco pretende e do que ele de fato consegue fazer.

Nós não devemos esperar do Papa um programa de reforma sistemático e oferecido de modo orgânico. Ao mesmo tempo, é bom revelar como sobre esse ponto Francisco parece confiar em e agir segundo aquela lógica... pela qual não se trata de ocupar espaços, mas de iniciar processos.<sup>14</sup>

Às vezes queremos que ele avançasse mais em certos pontos e talvez até ele mesmo quisesse avançar mais. Contudo, seu caminho é o processo, não o decreto. É melhor dar um passo juntos e com firmeza do que dois sozinhos e com perigo de recuar dez. Mas que pontos do Concílio Francisco retomou criativamente? Veremos alguns deles agora de forma sucinta. Eles nos mostram como Francisco é um autêntico filho do Concílio.

## 2. Igreja em saída para as periferias

O Concílio Vaticano II talvez tenha sido o primeiro concílio propriamente eclesiológico, pois o tema que perpassou todas as discussões foi a natureza da Igreja e sua missão. Francisco assume a eclesiologia do Concílio e a radicaliza ao falar de “Igreja em saída para as periferias”. Aqui ele realça dois aspectos marcantes de sua visão de Igreja: temos todos que caminhar juntos numa constante saída (sinodalidade) e essa saída não é para qualquer lugar, mas ao encontro dos pobres (centralidade dos

---

<sup>11</sup> SCANNONE, J. C., *A teologia do povo*, p. 198.

<sup>12</sup> MV, n. 4.

<sup>13</sup> WOLFF, E., *Igreja em diálogo*, p. 53.

<sup>14</sup> REPOLE, R., *O sonho de uma Igreja Evangélica*, p. 76.

pobres). Com este segundo ponto, ele dá um salto muito importante em relação ao Concílio. Francisco diz que é preciso “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”,<sup>15</sup> ou seja, devemos chegar aos “lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território”;<sup>16</sup> por isso afirma:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos.<sup>17</sup>

Com isso, nosso papa combate o centralismo eclesial, muito preocupado com burocracias, normas e protocolos, uma visão eclesial pré-conciliar que ainda predomina. Critica a Igreja autorreferencial e deseja que todos participem dessa saída, não só o clero. Inclusive, é o clericalismo um dos males que Francisco mais combate. Ele assume com muita força algo que o Concílio já afirmara: “o conjunto dos fiéis ungidos pelo Espírito (1Jo 2,20.27) não pode errar na fé... ‘desde os bispos até o último fiel leigo’”.<sup>18</sup> Todos somos responsáveis pela Igreja. Por isso, essa saída da autorreferencialidade até as periferias deve ser feita por todos. Francisco trabalha isso muito bem em termos de sinodalidade. É verdade que esse ponto “não foi explicitamente tematizado no Vaticano II: na visão eclesiológica do povo de Deus e na consequente concepção do *sensus fidei*, existiam, porém, as premissas para o seu desenvolvimento”.<sup>19</sup> Por isso, o papa Francisco assume aquilo que já veio do Concílio e dá novos passos. Afirma que a sinodalidade, esse caminhar juntos de todos os membros do povo de Deus, não é um tema a mais, uma questão secundária, mas é “dimensão constitutiva da Igreja”.<sup>20</sup> E muito lucidamente liga essa sua visão eclesiológica a pneumatologia, pois afirma que quem guia todo esse processo é o Espírito Santo, Ele “é o cineasta desta história em que todos são protagonistas inquietos, nunca parados”.<sup>21</sup> Todos são protagonistas, todos.

Ele não ignora que “há muitas resistências em superar a imagem de uma Igreja rigidamente dividida entre líderes e subordinados, entre os que ensinam e os que têm de aprender, esquecendo que Deus gosta de inverter posições: ‘Derrubou os poderosos

---

<sup>15</sup> EG, n. 20.

<sup>16</sup> EG, n. 30.

<sup>17</sup> EG, n. 49.

<sup>18</sup> LG, n. 12.

<sup>19</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 77.

<sup>20</sup> FRANCISCO, PP., Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos.

<sup>21</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma.

dos seus tronos, elevou os humildes' (Lc 1,52)".<sup>22</sup> Contudo, não deixa de afirmar com insistência que "ninguém pode ser 'elevado' acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém 'se abaixe' pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho. Nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base".<sup>23</sup> Assume, assim, aquele conselho fundamental de Jesus: "os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim" (Mt 20,25-26). Por isso, não é exagero afirmar que "ponto nevrálgico na reforma empreendida por Francisco em prol de uma Igreja sinodal vai ser uma correta compreensão das autoridades na Igreja".<sup>24</sup> Pois é o clericalismo, a concentração de poder pelo clero, um dos pontos que mais a torna tão autorreferencial e lhe impede de sair para as periferias, físicas e existenciais. Por essa razão que ele convocou o Sínodo 2021-2024 para levar em frente essa renovação crucial da Igreja. A sinodalidade, "naturalmente, não esgota todos os imperativos e as exigências da reforma eclesial levada adiante pelo Papa Francisco, mas sintetiza bem seu espírito e seu alcance, e explica mesmo a reação que tem encontrado por parte de alguns no interior da Igreja".<sup>25</sup> A sinodalidade também precisa ser bem compreendida.

O caminhar juntos da Igreja não é para qualquer lugar, a saída que Francisco pede, é para as periferias. Esse caminhar juntos é para lá. Aqui entra o grande salto de Francisco em relação ao Concílio. Durante o Vaticano II, um grupo de bispos, padres, teólogos tentou fazer que a centralidade dos pobres fosse assumida como questão fundamental do Concílio. Infelizmente não obtiveram êxito. O Vaticano II ainda chegou a afirmar: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo",<sup>26</sup> e acrescentou que a Igreja deve reconhecer Cristo nos pobres e nos desvalidos:

Como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, a Igreja é chamada a trilhar o mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação... Reconhece nos pobres e nos desvalidos a imagem do seu fundador, pobre e sofredor.<sup>27</sup>

Ele acenou para tal questão, mas não a desenvolveu. Foi na América Latina, com as Conferências de Medellín e Puebla que a centralidade dos pobres foi

---

<sup>22</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma.

<sup>23</sup> FRANCISCO, PP., Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos.

<sup>24</sup> MIRANDA, M. F., Igreja sinodal, p. 44.

<sup>25</sup> MIRANDA, M. F., Igreja sinodal, p. 9.

<sup>26</sup> GS 1.

<sup>27</sup> LG 8.

devidamente assumida. Agora, Francisco, filho desta América Latina, ajuda a Igreja a reconhecer-la como questão fundamental da fé. De fato, não há dúvidas que,

a característica mais importante e mais determinante do ministério pastoral de Francisco como bispo de Roma é sua insistência teológico-pastoral na centralidade dos pobres e marginalizados e de todas as pessoas que sofrem na vida e missão da Igreja.<sup>28</sup>

Por isso, ele afirma com toda clareza: “desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles”, e ainda diz que “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja”.<sup>29</sup> Os pobres participam do senso da fé, eles nos evangelizam, suas vidas têm uma força de salvação e eles têm que ser colocados no centro da caminhada da Igreja. Isso porque foi o próprio Jesus que afirmou que o Reino de Deus é deles (Lc 6,20) e a nossa participação no Reino depende do que fizermos ou deixarmos de fazer a Ele na pessoa dos pobres (Mt 25,31-46). A renovação eclesial de Francisco, a sinodalidade que tanto deseja, tem que ser uma saída para as periferias. Por isso, defende que

ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências... Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social.<sup>30</sup>

Assim, é necessário reconhecer que “embora não esgote o mistério da Igreja, o ser ‘dos pobres’ ou a ‘opção pelos pobres’, ou o compromisso com os pobres, ou o movimento de saída para as periferias, pouco importa aqui a expressão, é de tal modo constitutivos da Igreja que sem isso ela deixaria de ser Igreja de Jesus”.<sup>31</sup> E mais, na sua visão eclesial,

somente uma Igreja pobre e endereçada, em primeiro lugar aos pobres, aos marginalizados, aos excluídos, aos descartados da sociedade, pode se fazer, de fato, transparência daquele Cristo no qual se condensa todo o Evangelho de Deus.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> AQUINO JÚNIOR, F., Igreja dos pobres, p. 21.

<sup>29</sup> EG 198.

<sup>30</sup> EG 201.

<sup>31</sup> AQUINO JÚNIOR, F., Igreja dos pobres, p. 21.

<sup>32</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 32.

Com essa visão, Francisco assume não só uma posição eclesial diferente da que geralmente é assumida, mas também cria um novo paradigma sociocultural. “O papa nos indica pelo menos duas pistas, que se cruzam e se enriquecem, mutuamente, nessa direção. A primeira se encontra na vida e na convivência dos pobres; a segunda nos movimentos populares”.<sup>33</sup> O primeiro já destacamos, a vida dos pobres nos ensina muito como Igreja e como sociedade no geral. Cabe destacar que “o papa não se contenta em pôr o acento sobre a dignidade dos pobres, ele sabe também ler os sinais dos tempos que seus movimentos representam”.<sup>34</sup> Por isso seu apoio aos movimentos sociais e suas lutas pelos 3Ts (Terra, Teto e Trabalho). Ele veio na defesa até daquela que ele considera uma das mais pobres figuras, a nossa casa comum. Mas sua reflexão, longe de ser reducionista, apresentou-se de fato integral, pois defende que “não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”.<sup>35</sup> Quem mais sofre com a destruição da criação são os pobres, por isso é preciso ouvir o grito da terra e dos mais empobrecidos. Para Francisco está claro que “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia”.<sup>36</sup> A Igreja que Francisco deseja é a Igreja onde todos podem caminhar juntos na igual dignidade de batizados, um caminhar em saída das próprias comodidades em direção as periferias, isso para amar e libertar os pobres e defender nossa querida casa comum.

### 3. A misericórdia é a chave para a vida cristã

Outro aspecto muito importante no papado de Francisco é o modo como trata a moral cristã. Sabemos que há muito tempo, e principalmente nas últimas décadas, vem sendo dada uma acentuada atenção na pregação e preocupação eclesial aos temas da moral, especialmente moral sexual. Esses temas não estão ausentes em Francisco, até porque também são importantes, mas a proporção é bem menor. Os pontos da moral cristã mais tratados por Francisco vem da moral social, esses são para ele os problemas mais relevantes. Ele foi muito claro sobre isso quando, numa viagem, lhe perguntaram o que pensava sobre o uso de preservativo para prevenir a AIDS:

A grande ferida é a injustiça social, a injustiça ao meio ambiente, a referida injustiça da exploração e a desnutrição. Este é o problema. Não gosto de descer

---

<sup>33</sup> SCANNONE, J. C., A teologia do povo, p. 202.

<sup>34</sup> SCANNONE, J. C., A teologia do povo, p. 205.

<sup>35</sup> LS 49.

<sup>36</sup> LS 216.

a reflexões de casuística, quando as pessoas morrem por falta de água e à fome, por causa do habitat”.<sup>37</sup>

Francisco não assume uma moral casuística. Ele se preocupa em primeiro lugar com a pessoa humana que sofre, não com a regra que ela cumpriu ou não. O Concílio Vaticano II já deu alguns passos nessa área da moral quando tratou a família de uma perspectiva mais personalista que meramente reprodutiva. Mas ainda precisou dar passos mais ousados. Francisco o faz a partir da perspectiva da misericórdia. Ela é o caminho da moral cristã. “Para Francisco, a misericórdia não é um aspecto acessório do Evangelho ou um traço para se aproximar indiferentemente a outros. Ela exprime algo de fundamental do rosto de Deus que se revelou completamente em Cristo”.<sup>38</sup>

Para o Papa Francisco, está claro que o caminho do agir cristão é a misericórdia porque esse é o modo de ser de Deus. Jesus nos ensinou que o Pai “faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45); disse que “ele é bom para com os ingratos e com os maus” (Lc 6,35). Isso é difícil de aceitar, pois muitas vezes queremos uma moral de recompensas e punições; moral que mais expressa uma imagem distorcida de Deus do que quem Ele realmente é. Jesus ensina que nós devemos ser misericordiosos como Deus é (Lc 6,36). Devemos ser “uma Igreja misericordiosa, capaz de olhar com compaixão as misérias da humanidade, de sanar as suas feridas, de oferecer perdão e conceder, assim, nova possibilidade de vida”.<sup>39</sup> Por isso que “para Francisco, o fato de a misericórdia de Deus ser ‘radicalmente inclusiva’ implica que a pastoral da Igreja se caracterize também por uma ‘proximidade inclusiva’”.<sup>40</sup> A grande novidade de Francisco na sua compreensão da moral cristã é que ele não parte de princípios genéricos, mas da realidade concreta das pessoas. Trata-se do “fato de ele partir da experiência pastoral para repensar a identidade da ética cristã. Conjugando práxis e teoria, realidade concreta e identidade abstrata”.<sup>41</sup>

Por isso, seu documento sobre a família (*Amoris Laetitia*) é tão revolucionário. Porque ele rompe com a lógica do pode e não pode, tão presente nos discursos sobre a moral. Em vez de partir da lei universal, se procura partir da realidade sofrida das pessoas. Desse modo, “Francisco não se preocupa tanto em mudar o sentido das normas, ‘mas o sistema normativo’, isto é, as normas existem, mas não isoladas das situações concretas dos sujeitos”.<sup>42</sup> Ele mesmo afirma que “muitas vezes a Igreja ‘que condenou o racionalismo, o iluminismo’, também ‘caiu numa teologia do ‘pode-se e não se pode’, ‘até aqui, até ali’, e esqueceu a força, a liberdade do Espírito, este renascer

<sup>37</sup> FRANCISCO, PP., Encontro com os jornalistas durante o voo de regresso de Bangui a Roma.

<sup>38</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 23.

<sup>39</sup> REPOLE, R., O sonho de uma Igreja Evangélica, p. 33.

<sup>40</sup> ZACHARIAS, R., Repensando a moral sexual, p. 308.

<sup>41</sup> ZACHARIAS, R., Repensando a moral sexual, p. 301.

<sup>42</sup> ZACHARIAS, R., Repensando a moral sexual, p. 308.

do Espírito que te dá a liberdade, a franqueza da pregação, o anúncio de que Jesus Cristo é o Senhor”<sup>43</sup> Desse modo, afirma que “é mesquinho deter-se a considerar apenas se o agir duma pessoa corresponde ou não a uma lei ou norma geral, porque isto não basta para discernir e assegurar uma plena fidelidade a Deus na existência concreta dum ser humano”.<sup>44</sup> Desse modo, o papa Francisco denuncia que por vezes as pessoas fecham o caminho da graça e do conhecimento:

Por pensar que tudo seja branco ou preto, às vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento e desencorajamos percursos de santificação que dão glória a Deus. Lembremo-nos de que um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades.<sup>45</sup>

Quem não entende isso e quer julgar as pessoas pelo cumprimento objetivo de regras são os “corações fechados, que muitas vezes se escondem atrás dos ensinamentos da Igreja ‘para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas’”.<sup>46</sup> Tal atitude de condenação, muitas vezes, se dá para esconder os próprios pecados, revelando ser apenas uma atitude hipócrita e vazia. Francisco afirma que o mundanismo espiritual é o pior de todos os mundanismos, pois a pessoa poderia ter uma aparência correta e viver de modo mundano:

Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. Mas, se invadissem a Igreja, ‘seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral’.<sup>47</sup>

Assim são as pessoas muito rígidas, condenam os outros como juízes implacáveis e escondem os próprios pecados, tantas vezes mais graves do que os das pessoas que elas julgam. Francisco denuncia esse tipo de cristão que confia nas próprias forças e impõe muitas normas:

Só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico

---

<sup>43</sup> FRANCISCO, PP., Homilia na Casa Santa Marta.

<sup>44</sup> AL 304.

<sup>45</sup> AL 305.

<sup>46</sup> AL 305.

<sup>47</sup> EG 93.

próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário”.<sup>48</sup>

Essa visão chega também a criar um ideal de vida cristã, uma visão de santidade distorcida e mentirosa. Francisco explica muito bem que “ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase... Neste apelo (de Mt 25) a reconhecê-Lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo o santo”.<sup>49</sup> É no socorro aos pobres e sofredores que está o caminho da verdadeira santidade. E mais, nos gestos concretos e cotidianos de amor ao próximo. Nesse sentido, o papa afirma que gosta de ver a santidade no povo:

Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir... Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’.<sup>50</sup>

Por aqui passa a verdadeira moral cristã, a verdadeira santidade, pelo caminho da misericórdia.

#### 4. Fraternidade entre as Igrejas e Religiões

Um último ponto que gostaríamos de destacar desses 10 anos do ministério pastoral renovador de Francisco é sua relação com outras Igrejas e religiões. São muitos os encontros, cada um mais belo que o outro. Basta destacar dois: Primeiro, a viagem à ilha grega de Lesbos, em 2016, com o patriarca ortodoxo Bartolomeu I, o objetivo era levarem solidariedade e conforto aos vários imigrantes nos campos de refugiados de lá; o segundo foi esse ano, sua viagem a República Democrática do Congo e ao Sudão do Sul com o líder anglicano e arcebispo da Cantuária Justin Welby e o moderador geral da Igreja da Escócia Iain Greenshields, viagem que sinalizava paz e comunhão para aqueles povos. Na elaboração de suas encíclicas, também contou com a ajuda de irmãos de outras confissões religiosas. Para a *Laudato Si'* recebeu ajuda do patriarca ortodoxo Bartolomeu I; para a *Fratelli Tutti* recebeu a colaboração de um líder islâmico, o Imã Ahmad Al-Tayyeb. Francisco assume, assim, o que já propôs o Concílio Vaticano II, quando em seus vários documentos, principalmente sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso, expressou a necessidade fundamental da união e da paz entre as religiões, pois “não podemos invocar Deus como Pai de todos se não consideramos irmãos os

---

<sup>48</sup> EG 94.

<sup>49</sup> GE 96.

<sup>50</sup> GE 7.

seres humanos criados à imagem de Deus”.<sup>51</sup> Apesar dos esforços do Concílio e dos papas posteriores, hoje, a resistência a dialogar e caminhar juntos com outras Igrejas e religiões é muito grande entre nós.

Nos Evangelhos encontramos os discípulos de Jesus que queriam impedir alguém de fazer o bem em nome do Mestre só porque não eram do seu grupo (Mc 9,38-40). Jesus lhes proíbe e ensina que quem age em seu nome está a seu favor, a favor do Reino e isso que importa. Custa-nos entender que o Espírito sopra onde quer (Jo 3,8), não podemos querer controlá-lo. Em palavras e gestos, Francisco dá um novo impulso ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Marco disso é a Declaração conjunta com o grande Imã Ahmad Al-Tayyeb. Nela, o papa e o Imã chegam a afirmar algo que talvez seja uma das afirmações mais avançadas nesse campo nos últimos tempos: “O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos”.<sup>52</sup> A diversidade de religiões faz parte dos desígnios de Deus. Que pensamento maravilhosamente ousado! Deus, portanto, age em todas as religiões, o que leva a criar:

sinais, ritos, expressões sagradas que, por sua vez, envolvem outros numa experiência comunitária do caminho para Deus... Nós, cristãos, podemos tirar proveito também desta riqueza consolidada ao longo dos séculos, que nos pode ajudar a viver melhor as nossas próprias convicções.<sup>53</sup>

Francisco nos convida a aprender com as outras religiões e afirma que com elas podemos viver melhor nossas próprias convicções. Para ele, o diálogo é atitude de abertura, tem caráter de mediação, prioriza a vida humana em suas diversas formas, se dá como vínculo entre diálogo e anúncio da própria fé e crê que a graça de Deus atua de diversas formas nos não cristãos.<sup>54</sup> E assim, podemos aprender com eles. Afinal, “cada verdade que procede de Deus deve ser reconhecida e venerada como tal, seja qual for a forma e o lugar de sua manifestação. É possível, então, um intercâmbio, uma interação e complementariedade inter-religiosos”.<sup>55</sup> Isso vale de forma muito especial para a relação com outras Igrejas que são também comunidades de fé composta pelos seguidores e seguidoras de Jesus. E como nos recorda Francisco,

se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações

---

<sup>51</sup> NE 5.

<sup>52</sup> FRANCISCO, PP.; AL-TAYYEB, A., A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.

<sup>53</sup> EG 254.

<sup>54</sup> WOLFF, E., Igreja em diálogo, p. 78-82.

<sup>55</sup> WOLFF, E., Igreja em diálogo, p. 89.

sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós.<sup>56</sup>

Se cremos na ação do Espírito, temos que reconhecer que ele age em outras Igrejas também e podemos aprender e colher os dons que ele semeou lá. Mas estaremos nós dispostos a aprender com outras Igrejas? A reconhecer a ação do Espírito nelas? E naqueles irmãos e irmãs que nem confessam uma fé religiosa? Ou não são vinculados a nenhuma religião?

Não esqueçamos, como nos ensina nosso papa, que “o paradoxo é que, às vezes, aqueles que dizem que não acreditam podem viver melhor a vontade de Deus do que aqueles que creem”.<sup>57</sup> Desse modo, é preciso assumirmos de vez que “o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião. E se é um ateu, é o mesmo amor”.<sup>58</sup> Isso não é de modo algum diminuir nossa Igreja, nossa importância e missão. “A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões... Outros bebem de outras fontes. Para nós, essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo”.<sup>59</sup> Cabe a nós valorizarmos nossa fonte e também aprendermos um pouco o que o Espírito semeou nos outros. Esse é um dos grandes desafios, não só para nós Igreja, mas para nós humanidade. Quantas guerras com justificativas religiosas! Quantos preconceitos! Ainda há quem identifique o terrorismo ou a violência com certas religiões. Francisco afirma com toda força que “a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações”.<sup>60</sup> Aprendamos com Francisco o urgente desafio evangélico de vivermos de fato como irmãos.

## Conclusão

Francisco foi uma surpresa do Espírito Santo. Em época de crise eclesial, o Senhor nos abençoou com tão profético pastor. De fato, já tivemos papas santos, doutores ou reformadores, mas são raros os papas profetas. A sua profecia vem do fato de ser um verdadeiro filho do Concílio e da tradição eclesial latino-americana, além da inspiração do Santo do qual tomou o nome. Que a reflexão provocada nestes 10 anos de seu ministério pastoral não seja apenas para nos alegrarmos e comemorar a continuidade da renovação eclesial trazida pelo Concílio; mas também para nos provocar a levá-la adiante. Francisco não pode sozinho renovar a Igreja, até porque, isso é obra do Espírito, do qual nosso papa é apenas um servidor. Cabe a nós, tomados por seu testemunho, seguirmos escutando os clamores do Espírito para sermos cada vez

---

<sup>56</sup> EG 246.

<sup>57</sup> FT 74.

<sup>58</sup> FT 281.

<sup>59</sup> FT 277.

<sup>60</sup> FT 282.



mais uma Igreja em saída para as periferias, saída que é um caminhar juntos com todos os irmãos e irmãs, trilhando o caminho da misericórdia. Se Francisco é a chuva esperada mandada pelo Espírito para fecundar nosso chão, aproveitemos para plantar sempre mais as sementes do Evangelho. Assim, que fiquem os frutos do Reino que dão à Igreja e ao mundo sabor de Evangelho.

### Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, F. **Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco)

AQUINO JÚNIOR, F. Sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”. In: AQUINO JÚNIOR, F.; PASSOS, J. D. (Org.). **Por uma Igreja sinodal**: Reflexões teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 93-110.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 8ª. impr. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **Francisco de Assis e Francisco de Roma**: uma nova primavera na Igreja. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Mar e Ideias, 2014.

BRIGHENTI, A. Sinodalidade *made in* América Latina. In: AQUINO JÚNIOR, F.; PASSOS, J. D. (Org.). **Por uma Igreja sinodal**: Reflexões teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 123-140.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* Sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II**: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* Sobre a Igreja no mundo de hoje. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II**: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Nostra Aetate* sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs. CONCÍLIO VATICANO II. In: **Vaticano II**: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 340-344.

FRANCISCO, PP.; AL-TAYYEB, Ahmad. **A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum**, 2019. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html)>. Acesso em: 09 de abr. 2019.

FRANCISCO, PP. **Bula *Misericordiae Vultus* de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia**. São Paulo: Paulinas, 2015.



FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos fiéis da Diocese de Roma**, 2021. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>>. Acesso em: 07 de out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos**, 2015. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em: 03 de out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Encontro com os jornalistas durante o voo de regresso de Bangui a Roma**, 2015. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151130\\_repubblica-centrafricana-conferenza-stampa.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151130_repubblica-centrafricana-conferenza-stampa.html)>. Acesso em: 12 de mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia***: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Homilia na Casa Santa Marta**, 24 de abril de 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html)>. Acesso em: 03 de mar. 2023.

MADRIGAL, S. En conversación con Karl Rahner: El coraje de un cristiano decididamente eclesial. **Razón y fé**, v.249, n.1266, p. 315-337, abril. 2004. Disponível em: <<https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/17237/15185>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MIRANDA, M. F. **Igreja sinodal**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco)



REPOLE, R. **O sonho de uma Igreja Evangélica**: A eclesiologia do Papa Francisco. Trad. D. Hugo C. S. Cavalcante. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Coleção A teologia do Papa Francisco vol. 4)

SCANNONE, J. C. **A teologia do povo**: Raízes teológicas do Papa Francisco. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2019.

WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

ZACHARIAS, R. Repensando a moral sexual: Uma leitura da sexualidade à luz dos fundamentos da moralidade propostos por Francisco. In: Zacharias, R.; MILLEN, M. I. C. (Org.). **A moral do Papa Francisco**: Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Editora Santuário, 2020. p. 283-329.

*Joaquim Jocélio de Sousa Costa*  
Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza  
Itaiçaba / CE  
E-mail: joaquinjocelio@gmail.com

Recebido em 14/03/2023  
Aprovado em 27/03/2023